

HEITOR DA SILVA COSTA E O "CRISTO INACABADO"

José Antônio de Ávila Sacramento

Heitor da Silva Costa (Rio de Janeiro, 25 de julho de 1873 - Rio de Janeiro, 21 de abril de 1947), engenheiro e professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro (atual Escola Politécnica da UFRJ), dedicou-se à construção de edifícios, igrejas e monumentos, notabilizou-se como autor do projeto de um dos maiores e mais conhecidos monumentos do Brasil, o Cristo Redentor, que fica no topo do Morro do Corcovado, a 709 metros de altitude, no Parque Nacional da Tijuca, com vista para a maior parte da cidade do Rio de Janeiro. O monumento carioca, considerado uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno, foi construído entre 1922 e 1931, é feito de concreto armado e pedra-sabão, tem trinta metros de altura (sem contar os oito metros do pedestal) e os braços da estátua se esticam por 28 metros de largura. Durante a cerimônia de inauguração, em 12 de outubro de 1931, a imagem do Cristo foi iluminada por uma bateria de holofotes acionada remotamente pelo então Papa Pio XI e pelo pioneiro do rádio de ondas curtas, Guglielmo Marconi, que estavam em Roma, na Itália, a cerca de 9.200 quilômetros de distância.

Heitor da Silva Costa passou também por São João del-Rei: na noite de 21 de fevereiro do ano de 1935 ele chegou na cidade, atendendo ao convite da comissão promotora da ereção de um monumento ao Cristo Redentor, para iniciar estudos do projeto; foi durante a permanência de vinte dias na cidade que Heitor teve *"a inefável satisfação de encontrar uma escultura em madeira, de data mui remota, e de rara perfeição na representação do Senhor morto. Esta imagem foi o centro de demoradas lucubrações que culminaram na organização do projecto apresentado e aceito pela digna Comissão no qual são restituídos á imagem do divino Redemptor, n'um gesto de bençam e de paz, os braços de que se acha privado o expressivo lenho."*

Em 23 de fevereiro, quando Heitor visitava igrejas são-joanenses, estava observando a fachada da Igreja de Nossa Senhora do Carmo na companhia de dois amigos e o tesoureiro da Ordem, José de Assis Sobrinho, momento em que percebeu que numa das cimalkas havia sinais de infiltrações das águas das chuvas; decidiu, então, subir ao alto da torre para melhor verificar e identificou *"goteiras diversas, taboas muito deterioradas e já bastante carcomidas pelo cupim"*. Na descida, ele observou que *"junto a uma parede e sobre velho banco, havia qualquer coisa que mal se percebia sob espessos pannos cobertos de grossa camada de poeira"*. A curiosidade fez com que fosse levantado um dos panos, aparecendo, então, uma obra esculpida em madeira, a admirável imagem do Senhor Morto da qual os visitantes não tinham ouvido falar; o sr. Assis Sobrinho sabia da existência daquela imagem, mas *"não lhe attribuia valor artistico, conforme explicou, pois de outra fôrma não a teria deixado por tantos annos no estado de abandono em que foi encontrada."* Para Heitor da Silva Costa, o episódio foi *"uma circumstancia inteiramente fortuita que permittiu o feliz achado que teve o sabor de descoberta."*!

A imagem foi higienizada, imunizada contra o cupim que a atacava e disponibilizada para visitação; a notícia correu pela cidade e atraiu levas de curiosos ao templo; alguns deles,

mesmo os mais antigos e assíduos frequentadores da igreja, quando indagados por Heitor se tinham conhecimento da imagem, respondiam com negativas: *"os que mais conheciam o historico do templo, nada podiam informar sobre essa obra. (...) Com o bemdito alarme, foram dadas buscas nos arquivos e feitas outras investigações no sentido de encontrar-se a data e o autor da notável obra de arte (...). Os livros da Veneravel Ordem estavam tão danificados por traça e outros lepidopteros que só difficilmente se reconhecia a calligraphia. (...) O facto de achar-se sem braços deve ter concorrido para o abandono em que permaneceu por tanto tempo, julgada, por isso, como de pouco ou nenhum valor..."*.

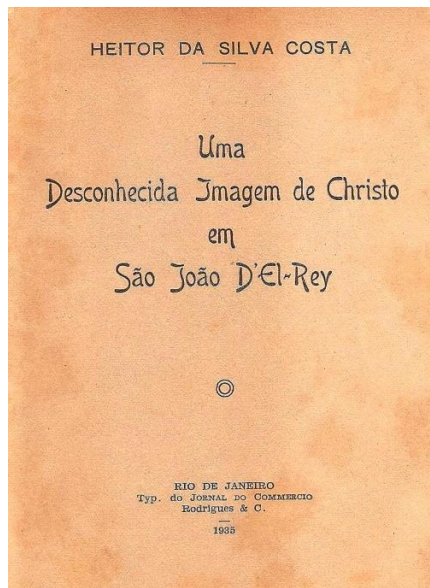
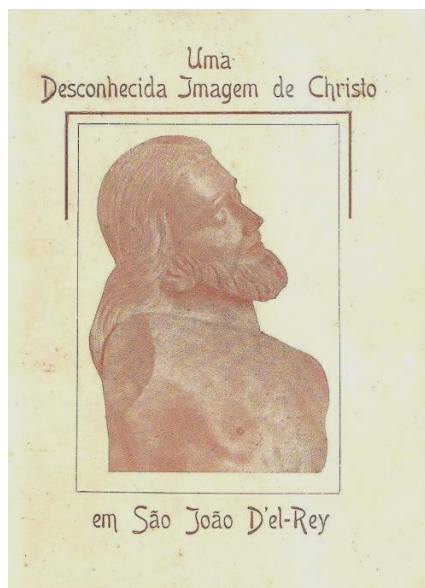
Sabia-se até aquele momento que a escultura *"permanecera por longos annos abandonada, e desconhecida de quasi todos, no logar em que foi encontrada. Destinava-se a ser fixada na Cruz; prova-o a posição e perfuração dos pés, a encurvatura das pernas, a torção do tronco, a contracção dos musculos do abdomen, a inclinação da cabeça, etc.(...) É um trabalho de esculptura em cedro, de dois metros de altura, (...) está inacabado: faltam-lhe os braços, as polpas de tres phalangetas do pé esquerdo, estando fracturado o dedo mínimo deste mesmo pé. É possível suppôr que, ao ser finalizada, alguns retoques fossem ainda effectuados. Em um só pedaço de madeira foram executados — cabeça, tronco e parte superior das côxas. As pernas, até pouco abaixo das rotulas, são constituídas de dois outros elementos, sendo as ligações com o corpo, feitas, ainda de outras peças de madeira. Embora perfeitamente unidas, são visiveis as junçções, o que permite julgar do perfeito conhecimento tecnico do artista em trabalho de carpintaria..."*.

A face do Cristo possui as expressões de sofrimento e resignação, com os lábios entreabertos, nariz delicado, narinas profundas com asas dilatadas, olhos cerrados, distinguindo-se, apenas, duas tênues linhas encurvadas de junção das pálpebras; quatro delicados dentes incisivos superiores foram esculpidos e um bigode ralo modula a face e perde-se adelgado na barba; a disposição da cabeleira é de grande efeito decorativo; a cabeça não possui forte pendência em direção ao tórax, mas fica mais inclinada para o lado. Os pés e pernas foram executados com o máximo de equilíbrio e sobriedade, expressão e perfeição. O sistema venoso tem aspecto realista. O tronco da imagem é da forma mais exata da anatomia humana... *"Seja como fôr o desconhecido artista que modelou a bella imagem do Senhor, de S. João d'El-Rey, era da família dos Fra Angelico que proclamava: 'a arte reclama amor; para pintar o Christo é preciso viver com o Christo' e por isso elle pintava de joelhos em terra, ou então da de J. J. Tissot, que depois de dez annos de estudos nos logares sagrados e de meditações profundas, assim finalizava a sua notavel obra de arte executada com conscienciosa devoção. Assim seja também, Senhor, para a alma do artista desconhecido que empenhou todo o seu amor nessa delicada obra que sahiu, apesar disso, incompleta de suas delicadas e devotadas mãos..."*.

Este relato tem como fonte o opúsculo "Uma Desconhecida Imagem de Christo em São João d'El-Rey", escrito em 16 páginas por Heitor da Silva Costa e editado no Rio de Janeiro, no ano de 1935, pela "Typographia do Jornal do Commercio" (de Rodrigues & C) e nas transcrições eu mantive as formas originais da escrita.

Acrescento a este sucinto relato duas notas: de acordo com entendimentos recentes, a imagem do "Cristo Inacabado" que está permanentemente exposta no interior da igreja carmelitana são-joanense é creditada ao formão do artista são-joanense Joaquim Francisco de

Assis Pereira (1813-1893), escultor de grande habilidade, ourives (mestre-prateiro), armador e excelente pintor de telas e painéis; outra informação é que naquele momento, ao ser descoberta a escultura, Heitor da Silva Costa obteve a inspiração para o modelo a ser utilizado no rosto do Cristo Redentor de São João del-Rei, majestosa estátua fundida na Itália e que no dia 08 de dezembro de 1942, com pompa e circunstância, foi instalada sobre portentoso pedestal no Alto da Boa Vista, Bairro Senhor do Monte.



Fac-símiles da capa e página de rosto do opúsculo escrito por Heitor da Silva Costa



Detalhe da face do "Cristo Inacabado" – Foto: João Ramalho Neto

(Este texto foi escrito no ano de 2019).